

## SOBRE A EXPANSÃO DO ENSINO BILÍNGUE NO BRASIL: REFLEXÕES OPORTUNAS

Ana Carolina Dias da COSTA (Mestre/UFPB)

**Resumo:** Embora não seja ainda vigente no Brasil uma regulamentação que estabeleça precisamente o que é uma escola bilíngue, visto que para o Ministério da Educação apenas as escolas para surdos, de fronteiras e indígenas sejam consideradas bilíngues, é notável o crescimento desse modelo de educação. No ano de 2007, um artigo da revista *Isto é* já apresentava dados importantes sobre essa expansão. O texto citava que as escolas bilíngues no Brasil apresentaram um crescimento de 15% em relação ao ano anterior. A procura de uma parcela específica da população por esse modelo de educação vem crescendo a passos largos, ainda que apresente um preço acima da média das escolas tradicionais. Diante deste quadro, dúvidas relacionadas a este tipo de ensino surgem, principalmente em relação a como se dá o aprendizado nos dois idiomas, geralmente inglês e português, simultaneamente. Afinal, o que se pode compreender por ser um bilíngue e quais os objetivos dos pais que proporcionam o ingresso de crianças em tão tenra idade nesse universo? Em face a tais questionamentos, traçaremos uma reflexão sobre o tema dando enfoque às possíveis questões propulsoras desta expansão da educação bilíngue no Brasil.

**Palavras-chave:** Escolas Bilíngues, Brasil, Expansão

### Introdução

É muito comum nos dias de hoje ouvir o termo educação bilíngue, porém há poucos anos no Brasil tal nomenclatura não era deveras popular e nos remetia a algo distante e difícil de ver ou encontrar. O cenário mudou bastante e nos dias atuais, especialmente nas capitais do país, não é raro encontrar placas de escolas anunciando educação bilíngue, ensino de inglês no turno integral ou até mesmo educação internacional. Essas informações nos saltam aos olhos, pois para grande parte da população, esse modelo de ensino é algo tão novo quanto distante. Estudar em uma escola bilíngue para muitos é uma indicação de “escola de elite”, onde pais pagam caro para manter seus filhos em uma instituição diferenciada. Mas afinal, se temos boas escolas no Brasil, por que pais estão procurando outro modelo de educação? Será que o currículo brasileiro está defasado ou não é o suficiente para educar? Por que vemos um crescimento na quantidade dessas escolas, já que na grande maioria dos casos são de caráter privado e cobram altas mensalidades? Afinal, o que buscam essas famílias ao optarem em sair do sistema brasileiro de ensino e se aventurar em um modelo de educação diferente do nosso?

Algumas dessas perguntas serão discutidas neste artigo, bem como o conceito de bilinguismo e suas implicações para a formação de uma criança. Reflexões são importantes e oportunas para entendermos esse novo olhar em relação à educação, especialmente de crianças, em tão tenra idade.

O crescimento das escolas bilíngues tem gerado inúmeras notícias na mídia e não raro encontramos matérias como “Educação bilíngue cresce em todas as regiões do Brasil” publicada pela revista *Exame* da editora Abril ou na reportagem “Cresce procura por escolas bilíngues no País”. Publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, investigando e apresentando dados sobre esse fenômeno. De acordo com essa matéria do jornal, apenas no ano de 2007 as escolas bilíngues no estado de São Paulo saltaram de um número de 145 para 108 no ano de 2009, assinalando um crescimento de 24% neste período. No site da escola Maple Bear, visitado em abril de 2018, encontramos o número de 111 escolas em funcionamento no Brasil, já no site da Systemic Bilingual<sup>1</sup>, constatamos a presença desse sistema de educação que desenvolve material para o ensino do inglês por meio de matérias em escolares em 52 escolas brasileiras, texto esse segundo o site da empresa, também visitado em abril de 2018. Estes dados evidenciam o crescimento acelerado desse modelo de ensino. Encontramos ainda dados que nos surpreendem como a escola Learning Fun<sup>2</sup>, presente em nove estados brasileiros, que oferece vagas para crianças a partir de 8 meses de idade, de acordo com site da escola visitado em 28/04/2018. Diante dos dados expostos faz-se importante entender e discutir sobre o bilinguismo. Afinal, por que tão festejado e procurado nos dias atuais?

A globalização mudou a forma de comunicação e de pensar o mundo e apesar de a língua mais falada no mundo ser o Mandarim, em termos de número de população, o inglês se tornou uma língua franca, a língua da comunicação de negócios, da internet, da troca de experiências culturais e acadêmicas. David Crystal, em seu livro *English as a global language*, publicado em 2002, já afirmava a importância da língua inglesa, ao escrever que o inglês é a segunda língua dominada pela maioria das pessoas do planeta. No entanto, para compreendermos o que é essa educação bilíngue é mister discutirmos as bases teóricas que permeiam essa nomenclatura.

<sup>1</sup> Disponível em: <http://systemic.com.br/#proposta>. Acesso em: 28/04/2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://learningfun.com.br/escolas/>. Acesso em 28/04/2018.

### Uma reflexão sobre bilinguismo e bilíngue

Inicialmente, é importante entender os conceitos base dos termos bilinguismo e bilíngue. Pode até parecer ser fácil conceituar o que é bilinguismo, mas diante de vários trabalhos sobre o tema nos deparamos com as mais diversas explicações e definições que nem sempre chegam a um denominador comum. Bloomfield define bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935, apud HARMERS; BLANC, 2000, p. 6). Segundo Titone, bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 apud HARMERS; BLANC, 2000, p. 7). MacNamara propõe que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (MACNAMARA, 1967 apud HARMERS; BLANC, 2000 p. 6.). Esta concepção se mostra em consonância com Marcelino (2009). Para o autor, bilíngues são aqueles falantes que se utilizam de duas línguas independentemente do nível de proficiência que cada um possua em quaisquer das quatro habilidades fundamentais já citadas. Estas concepções de bilinguismo se mostram mais abrangentes contemplando a diversidade do universo bilíngue. Grosjean (2008) neste sentido, critica a visão de que o bilíngue tenha que demonstrar o mesmo grau de competência linguística em todas as habilidades tanto em L1 quanto em L2. Mello (1999) corrobora com essa ideia no tocante a concepção de que classificar o que seja um falante bilíngue corretamente ideal é uma tarefa difícil, já que a língua é viva e por isso está sujeita a constantes mudanças e muitas vezes até mesmo um sujeito monolíngue não utiliza sua própria língua com excelência. Ainda seguindo as concepções de Mello (1999) que vão ao encontro das ideias de Grosjean (1982) é possível compreender que

o bilinguismo é uma exceção e o falar bilíngue é frequentemente associado à noção de perfeição, ou seja, o bilíngue seria uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo do monolíngue, quando fala uma de suas línguas. No entanto a realidade não é bem assim: estima-se que o bilinguismo está presente em quase todas as nações do mundo, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias e a sua aquisição ocorre em diferentes fases da vida; por isso, dificilmente o indivíduo é igualmente fluente em todas as línguas e em todos os níveis. (GROSJEAN, 1982 apud MELLO, 1999, p. 18)

Entendemos que para o autor, ser bilíngue é uma tarefa que engloba diferentes aspectos. É preciso ainda citar um tema que permeia o assunto bilinguismo que é a Hipótese de Período Crítico. Este trata sobre o melhor período, ou período ideal para adquirir uma língua e ter resultados excelentes na aquisição da mesma. Para Lennenberg (1967), que apresenta uma análise biológica sobre o período de aquisição da linguagem, inicialmente o cérebro humano tem representação bilateral das funções da linguagem e durante este processo, geralmente na puberdade, um hemisfério torna-se mais dominante em relação as funções da linguagem. No entanto, nesta fase o período de aquisição de linguagem seria finalizado. Este fato pode ser configurado como um fator de sucesso ou não no processo de aquisição. Ainda segundo o autor, o período crítico teria início aproximadamente aos dois anos se encerrando por volta do fim da puberdade, este momento pode ser compreendido como o auge do processo de aquisição de linguagem. Todavia, este fato não presume que não seja possível adquirir uma língua em outras faixas etárias da vida, já que evidências dessa aquisição foram encontradas em pesquisas realizadas com crianças que por algum motivo foram privadas ao acesso da linguagem nesse período. Dentre as várias pesquisas já realizadas no campo da aquisição de L2, dados apontam para um resultado positivo em relação a exposição de crianças a língua estrangeira, mostrando que estas atingem melhor competência se comparadas a pessoas que adquirem uma língua após o período crítico.

### A LDB e as escolas bilíngues

Esse cenário científico sobre a aprendizagem de uma L2 na infância pode ter sido o grande incentivador para o estabelecimento e desenvolvimento de escolas bilíngues. Apresentando uma orientação pautada em estudos sistemáticos sobre a aprendizagem e adaptando-se as demandas do mundo contemporâneo e globalizado, essas escolas surgiram como uma proposta de inovação, unindo metodologia de ensino infantil e expertise no ensino de línguas, atendendo a essa nova diligência da sociedade. Porém, assim como quaisquer outras escolas de educação básica no Brasil regidas por leis do Ministério da Educação (MEC), as escolas bilíngues também devem seguir o padrão da educação brasileira, mas se estas apresentam metodologias diferenciadas, em partes ou totalidade em outro idioma e em

certas situações seguindo até mesmo as orientações, feriados e práticas de seu país de origem, como é estabelecida essa relação de legalidade da escola com as exigências do MEC?

Em relação a educação bilíngue no Brasil, não é difícil encontrar inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a educação de surdos, educação indígena ou as de fronteira, que recebem professores dos países vizinhos ao Brasil, ministrando aulas em espanhol, entretanto o crescimento das escolas bilíngues, em especial as que ensinam o idioma inglês, trouxe à tona não apenas a necessidade de um debate sobre as regulamentações que regem tais escolas bem como levantaram a questão da não existência de uma regulamentação específica para estes casos. A LDB de 1996 autorizou o funcionamento dos estabelecimentos de ensino com que apresentassem projetos pedagógicos próprios, no entanto, a exigência era que estes assegurassem os mínimos requisitos curriculares estabelecidos. Assim, até os dias atuais as escolas bilíngues brasileiras baseiam-se sobretudo na permanência desta garantia para funcionarem dentro do regulamento estabelecido. Seguindo as observações para obter registro como escola nacional, considerando o número de horas e dias letivos mínimos especificados pela lei, base curricular nacional, feriados letivos, entre outras solicitações. Portanto, uma escola que preencha sua proposta pedagógica com um currículo bilíngue tem seu funcionamento garantido sem a necessidade de autorização prévia.

Harmers e Blanc (2000) qualificam a educação bilíngue como um sistema de educação em que em específico momento tenha sua instrução constituída e fornecida em pelo menos duas línguas, podendo ocorrer de forma consecutiva ou simultânea. Nas escolas bilíngues as aulas acontecem na segunda língua, sendo esta então não somente um alvo, mas um meio de instrução. Podemos analisar que a partir dessa prática, vivências e interações o objetivo maior do ensino bilíngue não é o de apenas “ensinar” a língua, mas também envolver o aprendiz nos saberes culturais que um idioma oferece, atingindo de certa forma o biculturalismo. Em relação às escolas bilíngues privadas estão sujeitas as mesmas regras das outras escolas do território brasileiro. Trechos da LDB, a Lei 9394/96, evidenciam especialmente sobre o idioma em que as aulas devem ser ministradas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, nesse caso a língua oficial do país, o português, exceto às comunidades indígenas.

## Seção III: Do Ensino Fundamental

Art. 32, parágrafo 3º.

O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

A LDB faz ainda menção ao ensino da língua estrangeira no Ensino Médio e seu caráter obrigatório:

## Seção IV: do Ensino Médio

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na seção I deste capítulo e as seguintes diretrizes:

I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II – adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III – será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Verificamos a preocupação das leis em incorporar o ensino de idiomas na educação brasileira e exigindo essas práticas do sistema educacional. Sabendo que as escolas bilíngues devem seguir as regulamentações da LDB, fixadas em aulas dos componentes curriculares obrigatórios em língua portuguesa, 200 dias letivos com uma carga horária mínima de 4 horas diárias, estas procedem consoante as escolas não bilíngues. Contudo, com o objetivo de atuar em sua característica diferencial que é o ensino em segunda língua, faz-se necessário acrescentar um horário complementar e um currículo adicional. Um grande número de escolas oferece aproximadamente 3 horas diárias a mais em seu período letivo, buscando equilibrar o tempo de exposição à segunda língua com o tempo regulamentar no currículo brasileiro.

Estes dados nos apontam como o funcionamento dessas escolas as caracterizam em escolas bilíngues ou internacionais. Megale (2002) aponta em seu artigo a questão da educação bilíngue para crianças no Brasil ser representada por dois grandes domínios. A educação minoritária envolve grupos vindos de comunidades socialmente desprovidas, como a comunidade indígena ou grupos de imigrantes. Já a educação elitista é representada pelo

grupo socialmente dominante, uma parte da população com poder aquisitivo capaz de arcar com as altas despesas de uma escola privada e que objetiva aprender um idioma para obter mais conhecimento e cultura, melhor posição social ou oportunidade de trabalhar ou estudar no exterior. Para atender a essa demanda, as escolas bilíngues apresentam uma abordagem distinta, oferecendo as aulas tradicionais no idioma alvo, caracterizando uma notória imersão cultural e de aprendizagem. É uma prática comum a essas escolas em que um mesmo dia as crianças leiam um texto de Monteiro Lobato e Dr. Seuss, já que na maioria dos casos no ensino bilíngue o dia de aula é dividido em dois períodos. Em um deles a aula é realizada em língua materna, já em outro na língua alvo. A organização curricular destas escolas segue a mesma prevista na LDB para as outras escolas do território nacional, porém muitas escolas bilíngues organizam o período complementar, oferecendo o ensino bilíngue baseando-se no tópico da parte diversificada do currículo, de acordo com a descrição da LDB, Artigo 26, no tocante às aulas de artes, educação física, base nacional comum entre outros itens:

Art. 26º. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º. Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3º. A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

§ 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 5º. Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição

Há o modelo de escola internacional, que por vezes pode até ser confundido com as escolas bilíngues, no entanto, diferentes destas, as escolas internacionais surgiram para



atender filhos de diplomatas, ou pessoas que mudavam para um país estrangeiro e não gostariam de se desvencilhar de sua cultura. Historicamente, uma escola internacional é aquela que está habilitada para ensinar o currículo de um outro país, permitindo que os estudantes destas sejam aceitos por universidades estrangeiras mais facilmente. A grade curricular normalmente atende os requisitos da política educacional brasileira bem como da estrangeira, normalmente norte-americana ou britânica. A maioria destas escolas, mesmo respeitando os feriados locais, seguem o calendário, cultura e conteúdo de seu país de origem. Estas escolas possuem mensalidades de alto valor. O site <http://www.sk.com.br><sup>3</sup>, realizou uma pesquisa em 2006 em algumas capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte sobre os valores de escolas internacionais. As escolas mais baratas custavam entre US\$4.800 a US\$7.400 por ano, além de ser necessária uma doação inicial de US\$2.000 por aluno. No ano de 2014 a pesquisa revelou o custo anual das escolas mais caras, variando de US\$20.000 a US\$28.000 por ano, com uma contribuição inicial de US\$5.000 a US\$10.000 por aluno.

Além destes dois modelos de escolas, há também escolas brasileiras que adotam um programa de ensino internacional. Essa prática consiste em proporcionar aos alunos um ensino convalidado nos dois países, ensino este que possibilita aos alunos estudar na própria escola utilizando material didático, por exemplo, americano, canadense ou relativo ao país ligado ao sistema educacional, porém seguindo o calendário das escolas brasileiras. Neste modelo de programa as aulas seguem a metodologia *blended learning*, conhecida por ser uma moderna ferramenta pedagógica que permite ao aluno ser sujeito ativo na busca pelo conhecimento. Assim como nos outros modelos de escolas bilíngues e internacionais, essas também usam a tecnologia como ferramenta e componente importante de ensino.

### A expansão bilíngue e dados nas mídias

Perceber o aumento do número das escolas bilíngues no país não é mais uma difícil tarefa. Além do surgimento de novas escolas nas grandes capitais anualmente, os meios de comunicação noticiam em larga escala o crescimento desse nicho educacional. Sites, associações e notícias, evidenciam o fortalecimento e crescimento exponencial destas escolas.

<sup>3</sup> <http://www.sk.com.br/sk-intsch.html> Acesso 30/04/2018



A OEBI<sup>4</sup>, informa em seu site que treze escolas estão associadas. É possível contabilizar facilmente mais de 40 escolas bilíngues de língua inglesa/portuguesa, só no estado de São Paulo. O site ainda registra escolas no Rio de Janeiro, Amazonas, Ceará, Brasília, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Há ainda uma Associação Brasileira do Ensino Bilíngue, a ABEBI que se apresenta como uma entidade sem fins lucrativos e tem dentre seus vários objetivos aumentar o número de escolas bilíngues no Brasil, ajudar as escolas no processo de transição de uma escola normal para uma escola bilíngue; pesquisar e divulgar informações científicas e relevantes para os profissionais da área, segundo informações no site oficial da associação<sup>5</sup>. Além destas associações, notícias em jornais e revistas sobre os benefícios do bilinguismo na infância e o crescimento destas escolas são amplamente divulgados. Encontramos notícias como:

- Dois idiomas, uma criança, 10/09/2011  
<http://www.revistaeducacao.com.br/dois-idiommas-uma-crianca/>
- O que esperar de uma escola Bilíngue?, 26/12/2017  
<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-bis/o-que-esperar-de-uma-escola-bilingue/>
- Colégio investe em aula bilíngue a partir do 6º. ano; nas tradicionais, ‘quem não se movimentar’ perderá aluno, diz presidente de entidade, 07/01/2018  
<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ingles-e-curriculo-diversificado-estao-entre-as-apostas,70002141029>
- Crianças bilíngues têm mais facilidade na alfabetização, 09/02/2012  
<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,criancas-bilingues-tem-mais-facilidade-na-alfabetizacao-diz-estudo,833460>

<sup>4</sup> Organização das Escolas Bilíngues em São Paulo.

<https://educacaobilingue.com/escolas/escolas-bilingues/> acesso em 08/05/2018

<sup>5</sup> <http://abebi.com.br/> acesso em 08/05/2018

- Fluência em um segundo idioma e acesso ao estudo no exterior atraem brasileiros para escolas bilíngues, 24/01/2008  
<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/fluencia-em-um-segundo-idioma-acesso-ao-estudo-no-externo-atraem-brasileiros-para-escolas-3851026>
- A vez da educação bilíngue – As vantagens do ensino em dois idiomas e o que as escolas estão fazendo para se adequar a essa exigência do mundo contemporâneo, 02/11/2017  
<https://istoe.com.br/a-vez-da-educacao-bilingue/>
- Educação bilíngue: a nova exigência do mundo contemporâneo – Cientificamente comprovado, o ensino bilíngue traz uma série de benefícios para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, 24/01/2018  
<https://www.terra.com.br/noticias/dino/educacao-bilingue-a-nova-exigencia-do-mundo-contemporaneo.63b33f8e55d6413a106ae032dea3d763d43y5rzj.html>

Ler matérias como as apresentadas previamente só reforçam a percepção de que algo está mudando no mundo da educação e ensino de línguas. Este assunto se faz presente na realidade de muitas famílias e de entidades educacionais. Porém, notícias mais interessantes ainda têm surgido em relação ao ensino bilíngue. Alguns estados brasileiros estão atentando para essa realidade e começam a investir, ainda que timidamente, neste modelo de educação. Esforços tem sido direcionados para uma introdução da educação bilíngue no sistema público de educação e mesmo que ainda seja reconhecida como elitizada, estratégias para inseri-la nas escolas públicas são válidas e importantes.

Foi inaugurada no mês de janeiro de 2018, na cidade de João Pessoa/PB, a primeira escola bilíngue municipal, instituição esta que possui parceria o Consulado Geral dos Estados Unidos no Nordeste e tem a proposta de funcionar em tempo integral oferecendo disciplinas como matemática, geografia e história nos idiomas inglês e português. No Rio de Janeiro funciona em tempo integral e em parceria com o governo espanhol no Colégio Estadual Hispano-Brasileiro João Cabral de Melo Neto, o ensino bilíngue em espanhol e português

sendo que durante o turno da manhã, o aluno estuda com 90% do currículo em português e o restante em espanhol, invertendo-se a situação no turno da tarde. Em 2017, na cidade de Campina Grande/PB, também foi inaugurada a escola bilíngue Leonardo Vitorino Guimarães, ensinando em inglês e português, pertencente a rede municipal. Neste mesmo ano, a Escola Estadual José Carlos Mestrinho, localizada no Distrito Industrial, Zona Sul de Manaus, foi inaugurada oferecendo educação bilíngue em francês e português para os alunos do ensino fundamental. Estamos presenciando o surgimento de novos modelos de escolas, e saber que a iniciativa pública tem voltado os olhos para a questão do ensino de línguas de forma mais humanizada, cultural e dinâmica nos encaminha para um futuro, quem sabe, mais próspero para o ensino de línguas especialmente a língua inglesa.

### Considerações finais

Compreender o fenômeno do crescimento das escolas bilíngues se faz necessário e atual. A sociedade está envolvida nesse processo de globalização e expansão não apenas da língua inglesa, mas também de informações, tecnologia e cultura. Entender que a educação não é estática e muito pelo contrário, é parte inerente desse sistema nos traz uma consciência de que aprender um segundo idioma na escola é uma consequência das mudanças atuais. O importante é trazer uma discussão sobre como esse processo educacional acontece e compreender que uma nova visão em aprender um segundo idioma também se vem se modificando.

A procura por escolas bilíngues cresce à medida que novos interesses da sociedade surgem. Alguns buscam este tipo de ensino com o intuito de estudar no exterior, outros procuram por um modelo de educação diferenciado e mais cultural e ainda outros buscam por status social, já que, como discutimos nesse trabalho, a educação bilíngue no Brasil ainda é privilégio de uma elite. No entanto, ainda que apresentem altas taxas de mensalidades, essas escolas crescem e estão praticamente atuando em todos os estados brasileiros. As leis educacionais brasileiras, que ainda não são tão claras em relação a essas escolas, certamente sofrerão mudanças num futuro próximo com o intuito de dar um amparo maior a esse tipo de educação.

Apesar de quase que em sua totalidade essas escolas serem privadas, vemos que essa realidade já discutida e amplamente divulgada na grande mídia como em jornais, internet, revistas tem nos apresentado bons frutos. Uma leve brisa com uma proposta de expansão e inclusão de escolas públicas também utilizando metodologia de ensino bilíngue em alguns estados brasileiros está acontecendo, trazendo a esperança de uma educação mais inclusiva e cultural, visando não apenas ao ensino de uma língua estrangeira por si, mas sim olhando para uma educação de qualidade e mais completa. Muito ainda falta nessa caminhada, mas as sementes de mudanças certamente estão sendo plantadas.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental*/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média tecnológica – Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Lei de Diretrizes e Bases*. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio Brasileiro*. Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases*. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. BRASIL

CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge: 2002. Disponível em: [goo.gl/XPtNX6](http://goo.gl/XPtNX6). Acesso 26.04.2018

ESTADO, Agência. Cresce procura por escolas bilíngues no País. *Jornal O Estado de S.Paulo*. Disponível em: [goo.gl/f9bbXe](http://goo.gl/f9bbXe). Acesso 20.06.2017.

GROSJEAN, F. *Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism*. Harvard University Press. Cambridge, Mass, 1982.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel A. *Bilinguality and Bilingualism*. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MARCELINO, Marcello (2009) *Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas*. *Revista Intercâmbio*. Volume XIX, 1-22. Disponível em: [goo.gl/StnxLV](http://goo.gl/StnxLV). Acesso 20.06.2018

MEGALE, Antonieta Heyden. *Bilingüismo e educação bilíngüe* – discutindo conceitos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 3, n. 5, p. 1-13, ago. 2005.

MELLO, Heloísa Augusto Brito de. *O falar bilíngue*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

PAIVA, Vera Lúcia M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.; CUNHA, M. *Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: EDUFSC, 2008.